

Março / 2020

INTERNACIONAL

O Pânico tomou conta dos mercados mundiais com os investidores reagindo ao avanço do contágio do “coronavírus”, que atingiu fortemente os países da Europa e da América do Norte, levando a Organização Mundial da Saúde – OMS a decretar estado de pandemia no momento em que atingiu 114 países. O vírus já havia infectado aproximadamente 118 mil pessoas e levado a óbito pouco mais de 4 mil. Os governos iniciaram um processo de isolamento da população, decretando o fechamento de fronteiras terrestres, aeroportos, transporte público em geral, além de determinar o fechamento do comércio e orientar a população a ficar em casa a fim de diminuir a disseminação. O temor por uma recessão em larga escala motivou as autoridades monetárias a anunciar amplos programas de distribuição de renda entre a população mais frágil, bem como outros programas de ajuda principalmente as empresas de pequeno e médio porte na tentativa de evitar, ou até mesmo diminuir, uma onda de demissões em massa que levariam a algumas centenas de milhões de pessoas desempregadas.

EUROPA

Os principais bancos centrais da região se reuniram para discutir as medidas de alívio monetário em meio ao cenário da pandemia. O banco central da Inglaterra (BoE, na sigla em inglês), cortou o juro extraordinariamente pela primeira vez desde 2008, de 0,75% para 0,25%, uma redução de 0,50 pontos percentuais, além de anunciar estímulos a empréstimos às pequenas e médias empresas e às famílias.

Ainda no Reino Unido, o governo britânico ampliou um pacote de ajuda para incluir os trabalhadores autônomos que perderam seus sustentos por conta do isolamento social. O auxílio abrange cerca de 5 milhões de trabalhadores autônomos do Reino Unido, que terão direito a uma verba de até 2.500 libras mensais.

Já na zona do euro, o banco central europeu (BCE, na sigla em inglês) aprovou medidas de estímulo temporárias para ajudar a economia da região, porém manteve a taxa de juros inalterada, atualmente em -0,50% para depósitos e 0,0% para financiamentos, além de ampliar seu programa de relaxamento quantitativo ao anunciar a disposição em comprar 120 bilhões de euros adicionais em títulos até o final do ano, que era de 20 bilhões de euros. Enquanto que na Alemanha o Conselho de Ministros aprovou um crédito suplementar de 156 bilhões de euros, que na prática autoriza o governo alemão a se endividar para apoiar a economia local. Além disso, foi reativado o Fundo de Estabilização com suporte de 500 bilhões de euros para apoiar as grandes indústrias alemãs.

Conforme anunciou a agência Eurostat, o índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) da zona do euro subiu 0,7% na comparação anual de março, desacelerando fortemente em relação ao aumento de 1,2% observado em fevereiro em meio aos efeitos da pandemia de “coronavírus”, segundo dados preliminares. O resultado veio abaixo da expectativa de analistas consultados pelo The Wall Street Journal, que previam alta de 0,8%. A prévia de março afasta a inflação anual da zona do euro ainda mais da meta do BCE, que é de uma taxa ligeiramente inferior a 2%. Apenas o núcleo do CPI do bloco, que exclui os preços de energia e de alimentos, registrou alta anual de 1% em março, menor do que o acréscimo previsto de 1,1%.

Panorama Econômico

Alguns indicadores da produção após o início da pandemia começaram a ser divulgados, e mostram o estrago que a paralisação parcial das atividades está causando na economia. O índice de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) composto da zona do euro caiu à mínima recorde de 31,4 pontos em março, ante 51,6 pontos em fevereiro, puxado pelo setor de serviços que recuou para a mínima de 28,4 pontos. Os números sugerem que a economia da região está encolhendo a uma taxa trimestral de 2%.

EUA

O banco central norte-americano (FED, na sigla em inglês), cortou o juro duas vezes em sequencia. Na primeira, em decisão emergencial e extraordinária, baixou a taxa de juros para o intervalo entre 1,00% e 1,25%. Poucos dias depois, na reunião ordinária, anunciou novo corte, mais agressivo, levando o juro para o intervalo entre 0,00% e 0,25%, um corte de 1 ponto percentual. No comunicado pós-reunião, o FED afirmou que "está monitorando cuidadosamente os mercados de crédito e está preparado para usar toda a sua gama de ferramentas para apoiar o fluxo de crédito para famílias e empresas". A instituição também anunciou a compra de US\$ 500 bilhões em títulos do Tesouro e de US\$ 200 bilhões em valores hipotecários.

O governo Donald Trump anunciou, com apoio do Congresso, um amplo programa financeiro de assistência, que inclui pagamentos diretos a população e ajuda aos setores mais afetados pela pandemia. O pacote, sem precedentes na história, envolve a quantia de US\$ 2 trilhões, o equivalente a R\$ 10 trilhões, e representa cerca de 10% do PIB norte-americano. O programa inclui a transferência de renda de para pagamento direto a pessoas e famílias e aumento dos benefícios aos desempregados e autônomos, além de um programa de crédito para pequenas empresas em condições que estimulem a manutenção de postos de trabalho.

Ainda que não tenha capturado toda a extensão do impacto do "coronavírus" na economia, o que significa que dados futuros certamente serão piorados, a atividade nos EUA desacelerou em março. O Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês) composto recuou 8,7 pontos em março. Ele foi de 49,6 pontos em fevereiro para 40,9 pontos. O resultado foi puxado, principalmente, pelo setor de serviços, que caiu de 49,4 pontos para 39,8 pontos, na medida em que negócios não essenciais estão sendo forçados a fechar, alguns indo à falência. Além disso, os bloqueios estão levando a uma redução considerável no gasto do consumidor. Já o PMI industrial, recuou para 48,5 pontos ante 50,7 pontos em fevereiro.

O mercado de trabalho norte-americano já mostra os sinais da desaceleração acentuada da economia por lá. Conforme divulgou o Departamento de Trabalho, foram destruídos 701 mil postos de trabalho em março, ante previsão de perda de 100 mil postos. Com isso, a taxa de desemprego subiu para 4,4%, ante taxa de 3,5% em fevereiro. Estima-se que o número de desempregados é bem maior, devido à metodologia para apuração dos resultados não capturar totalmente a realidade visto que os dados foram coletados até a semana que terminou em 12 de março. Uma melhor imagem do cenário do mercado de trabalho é dada pelo relatório semanal de pedidos de auxílio-desemprego. Nas duas últimas semanas de março, cerca de 10 milhões de norte-americanos entraram com pedido do seguro.

ÁSIA

Enquanto isso, na China a situação do contágio vai perdendo força na medida em que a disseminação do "coronavírus" diminuiu e as empresas voltam aos poucos a abrir suas portas. No entanto, os danos a economia da região são alarmantes, a ponto do Banco do Povo (BPOC, na sigla em inglês) anunciar estímulos adicionais.

Panorama Econômico

Além de manter inalteradas as taxas de juros por lá, o BPoC cortou a taxa do depósito compulsório pela terceira vez no ano e reduziu a taxa de juros sobre as reservas excedentes dos bancos pela primeira vez desde a crise de 2008.

Com as empresas chinesas estão retornando suas atividades aos poucos, agora o país contabiliza os estragos na economia. A produção industrial por lá caiu 13,5% nos dois primeiros meses do ano. As vendas no varejo caíram 20,5% no mesmo período. Ambos os números vieram bem piores do que o previsto por especialistas. Porém, dados de março já indicam uma reviravolta nos números. O PMI oficial da China surpreendeu ao subir para 52,0 pontos em março ante a mínima recorde de 35,7 pontos em fevereiro, acima da marca de 50 pontos que separa crescimento de contração. Analistas consultados pela Reuters esperavam uma leitura de 45,0 pontos em março. Os analistas atribuíram a recuperação inesperada no PMI à base de comparação muito baixa em fevereiro, e alertaram que a leitura não sinaliza uma estabilização da atividade econômica. Economistas já preveem uma forte contração do PIB chinês no primeiro trimestre, com alguns esperando uma queda anualizada de 9% ou mais - a primeira contração do tipo em três décadas.

No Japão, dados divulgados da atividade mostram os efeitos da contração econômica agressiva devido à disseminação do "coronavírus" na região. O PMI composto, que engloba os setores industrial e de serviços, ficou em 35,8 pontos. O resultado, que é uma prévia de março, representa uma redução de mais de 10 pontos em relação a fevereiro, quando o índice marcou 47 pontos. O setor de serviços ficou em 32,7 pontos, em março, ante 46,8 em fevereiro, enquanto o industrial foi de 47,8 em fevereiro para 44,8 em março. Para a indústria, é o pior resultado desde 2011, quando o país foi atingido por um tsunami.

Como estratégia para estimular a economia, o banco central local (BoJ, na sigla em inglês) anunciou injeção de liquidez de 1,7 trilhões de ienes, através de compra de títulos soberanos de cinco e dez anos, no valor de 200 bilhões de ienes, além de uma injeção de 1,5 trilhões de ienes em empréstimo de duas semanas. Decidiu também aumentar suas compras de fundos comercializados na bolsa para 12 trilhões de ienes ao ano, bem como irá dobrar a aquisição de fundos de investimentos imobiliários para 180 bilhões de ienes por ano.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, a busca por proteção diante da pandemia levou os prêmios dos ativos soberanos a movimentos históricos. Os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 1,163% ao ano no final fevereiro, despencaram cerca de 51 pontos base no fechamento de março para o nível em torno de 0,652% ao ano, enquanto o rendimento dos títulos do Tesouro de 30 anos caiu para 1,324% ao ano, uma queda de 36 pontos base em relação ao fechamento de fevereiro. Já o rendimento dos títulos do governo japonês de 30 anos passou para 0,426% ao ano, uma alta de 14 pontos em relação a fevereiro.

Já as bolsas internacionais, o movimento foi de queda generalizada devido à fuga de ativos de risco em meio às preocupações com os efeitos do "coronavirus" sobre a economia global. Enquanto a bolsa alemã (Dax) caiu -16,39%, a inglesa (FTSE 100) despencou -13,81%, a do Japão (Nikkei 225) registrou queda de -10,53% e a americana (S&P 500) desvalorizou -12,51%.

No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent para junho/20 registrou uma queda -36,4% no mês, a US\$ 31,82 o barril, enquanto o WTI para maio/20 recuou -54,6%, cotado a US\$ 20,55 o barril, em meio a estoques mais altos e queda da demanda global, agravado pela posição antagônica entre árabes e russos sobre a redução

da produção mundial do óleo em meio a uma demanda cada vez mais fraca em face da pandemia do “coronavírus”.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma prévia informal do Produto Interno Bruto (PIB), registrou uma leve alta de 0,24% em janeiro frente a dezembro de 2019. Na comparação anual, o indicador teve uma expansão de 0,69%. Já no acumulado dos últimos 12 meses, o IBC-Br ficou em 0,86%. O resultado, calculado após ajuste sazonal – espécie de compensação para comparar períodos diferentes –, leva em consideração três setores da economia: indústria, comércio e serviços e agropecuária.

A taxa de desemprego no Brasil avançou para 11,6% no trimestre encerrado em fevereiro, atingindo 12,3 milhões de pessoas, segundo dados da Pnad Contínua divulgados pelo IBGE. A taxa é ligeiramente superior registrada no trimestre encerrado em janeiro, de 11,2%. A renda média real do trabalhador foi de R\$ 2.375 no trimestre, queda de 0,3% em relação ao número do mesmo período do ano anterior.

Os números, no entanto, são anteriores ao agravamento da pandemia de “coronavírus”, que exige medidas de isolamento social que atingem duramente empresas e trabalhadores e devem gerar uma alta relevante do desemprego nos próximos meses.

SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado (Governo Central, Estados, municípios e estaduais, com exceção de Petrobras e Eletrobrás) registrou um déficit primário R\$ 20,901 bilhões em fevereiro, o pior para o mês desde 2017, ainda que não tenha registrado gastos relacionados aos efeitos da pandemia do “coronavírus”, que começaram a ser autorizadas nas últimas semanas de março. Para o ano, a meta é de um rombo primário de R\$ 118,9 bilhões, que não será atingido por conta do decreto de calamidade pública que aumenta os gastos do governo com as áreas sociais.

A dívida bruta geral do setor público, que contabiliza os passivos dos governos federal, estaduais, municipais e do INSS, fechou fevereiro aos R\$ 5,611, o equivalente a 76,5% do PIB. No melhor momento da série, em dezembro de 2013, a dívida bruta chegou a 51,5% do PIB. Agora, é esperado que a dívida bruta subisse de maneira estratosférica nos próximos meses, por conta do aumento das despesas públicas em função da pandemia do “coronavírus”.

INFLAÇÃO

O IBGE divulgou que o IPCA variou 0,07% em março, o menor resultado para o mês desde o início do Plano Real, e ficou 0,18 ponto percentual abaixo da taxa de fevereiro, de 0,25%. No ano, o índice acumula alta de 0,53%, e nos últimos 12 meses de 3,30%. O grupo Alimentação e bebidas apresentou a maior variação, 1,13%, e o maior

Panorama Econômico

impacto, 0,22 ponto percentual. No lado das quedas, embora a menor variação tenha sido a dos Artigos de residência, com -1,08%, a maior contribuição negativa no índice do mês veio dos Transportes, com -0,90%, que contribuiu com -0,18 pontos percentuais. Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que mede a variação da cesta de consumo de famílias com renda até cinco salários mínimos e chefiadas por assalariados, registrou inflação de 0,18% em março, após registrar alta de 0,17% em fevereiro. Como resultado, o índice acumulou uma elevação de 0,54% no ano, e 3,31% em doze meses.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

O dólar comercial encerrou o mês de março com alta de 15,92%, a maior alta para o mês desde setembro de 2011, cotado a R\$ 5,194 na venda, em meio à pandemia do “coronavírus” que se espalhou pelo planeta e os temores dos impactos da paralisação das atividades na economia global por um período prolongado. No acumulado do ano, a moeda norte-americana valorizou 29,44%.

Em fevereiro, as transações correntes apresentaram déficit de US\$ 3,904 bilhões em termos nominais, um aumento de 17,1% sobre igual mês do ano passado, principalmente pela piora nas contas de serviços e de renda primária. No primeiro bimestre do ano, o déficit em transações correntes somou US\$ 15,784 bilhões, crescimento de 27,5% ante igual período do ano passado. Em 12 meses, ele passou a responder por 2,91% do PIB, maior patamar desde dezembro de 2015 (3,03% do PIB).

Conforme divulgou o Ministério da Economia, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 4,713 bilhões em março, em razão de uma maior quantidade de dias úteis. As exportações cresceram para US\$ 19,239 bilhões, assim como as importações, para US\$ 14,525 bilhões. As autoridades mostram preocupações com os números que virão à frente, em razão de que a retração no comércio global devido à pandemia do “coronavírus” deve dificultar a retomada das exportações brasileiras no curto prazo.

RENDA FIXA

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de fevereiro acabou sendo o do IRF-M 1, que reflete a variação dos títulos pré-fixados mais curtos, com valorização de 0,60%, seguido pelo IRF-M Total, que desvalorizou -0,11%. As maiores perdas vieram dos títulos com vencimentos mais longos. O pior desempenho foi do IDKa IPCA 20A, com perdas de -16,46%, seguido pelo IMA-B 5+, que recuou -10,93%. O IMA-B Total encerrou o mês com queda de -6,97%. Já o CDI variou 0,34% no período.

RENDA VARIÁVEL

Para o Ibovespa, o noticiário negativo em meio à decretação, pela OMS, de pandemia pelo “coronavírus”, que atingiu fortemente os países da Europa e da América do Norte, e também chegou à América do Sul, levando os governos a iniciarem um processo de isolamento da população, decretando o fechamento de fronteiras terrestres, aeroportos, transporte público em geral, além de determinar o fechamento do comércio e orientar a população a ficar em casa a fim de diminuir a disseminação, levou o principal indicador de desempenho da bolsa de valores a sessões de fortes quedas com sucessivas interrupções de pregões sendo acionado o mecanismo de

Panorama Econômico

“circuit breaker”. Ao final do mês de março, o Ibovespa recuou -29,90%, levando o índice a maior queda para um primeiro trimestre de sua história, de -36,86%. O índice encerrou o mês aos 73.019 pontos.

PERSPECTIVAS

O mês de março fechou como um dos piores meses para os mercados de risco da história, tanto no Brasil quanto no exterior. A rápida disseminação do novo “coronavírus” pelo planeta alterou o modo de vida da população, na medida em que os governos dos países tomavam ações no sentido de restringir o fluxo de pessoas e decretando estado de calamidade. O comércio fechou as portas, as pessoas se trancaram dentro de casa ... o mundo parou !!!

Ao mesmo tempo, os investidores entraram em modo de pânico e iniciaram uma mudança brusca em seus portfólios, vendendo ativos de risco (ações, crédito, países emergentes) e comprando ativos considerados “porto seguro” (dólar, ouro, bonds americanos). Antevendo o pior, os bancos centrais iniciaram um movimento de oferecer liquidez aos mercados na forma de compra e recompra de ativos, redução do juro, e outros instrumentos no sentido de mostrar que possuem munição pesada e acalmar os ânimos exaltados.

Nesses momentos os investidores globais costumam sair a qualquer preço, simplesmente porque numa situação de risco sistêmico, a esses investidores, o que importa é vender rápido e se desfazer das posições, antes que os preços atinjam o fundo do poço. E assim possuir recursos em mãos para voltar ao mercado quando o momento for oportuno, de preferência comprando de volta os mesmos ativos com preços mais baratos. E de preferência ganhando dinheiro nesse movimento.

Chega o mês de abril e nos parece que esse momento ainda está um pouco distante. O número de pessoas com infecção só faz aumentar. Hoje, dia 14 de abril, o número de casos confirmados de infectados no planeta está próximo de 2 milhões de pessoas, com quase 125 mil óbitos. Há 15 dias o número de casos confirmados era de aproximadamente 725 mil pessoas e quase 35 mil óbitos, ou seja, um aumento de quase 3 vezes no número de casos e mais de 3,5 vezes no número de óbitos num período curto de tempo. E as estimativas das autoridades de saúde são de que o pico da pandemia ainda está por vir.

Além da questão da saúde pública, os efeitos do “coronavírus” sobre a economia são devastadores. Especialistas projetam uma contração na economia mundial sem precedentes. O Fundo Monetário Internacional – FMI – estima que a economia mundial se contraia 3% este ano, uma reviravolta se consideramos que em 2019 o crescimento mundial foi de 2,9%. Por outro lado, o retorno ao crescimento da economia global será tão rápido quanto a pandemia se dissipar. O próprio FMI estima que a economia mundial cresça 5,8% em 2021, à medida que a atividade se normalizar auxiliada pelos estímulos fiscais dos países atingidos, o que deverá ocorrer no segundo semestre desse ano, segundo perspectivas do órgão.